Guy Debord

Panegírico


ANTÍGONA

"Em toda a doença incurável, muito se ganha não tentando a cura (...) Nessa negação se deve pôr (...) a fiel obstinação de toda uma vida."

GUY DEBORD, SON ART ET SON TEMPS

Guy Debord, nascido em 1931, em Paris, suicidou-se em 1994, nas montanhas da Auvergne. Co-fundador, em 1957, da Internacional Situacionista, foi seu co-dissolvente em 1972.

Os livros de Debord constituem a análise mais lúcida e severa das misérias e escravidões de uma sociedade – a do espectáculo, em que vivemos – que nos nossos dias estendeu o seu domínio a todo o planeta. Como tais, os seus livros não precisam de ser esclarecidos nem elogiados, e ainda menos necessitam de um prefácio.

A existir neste século um escritor a quem Debord porventura aceitaria ser comparado, esse escritor é Karl Kraus. Ninguém melhor do que ele, na sua encarniçada luta contra os jornalistas, soube esclarecer as leis escondidas do espectáculo, «os factos que produzem as notícias e as notícias que são culpadas pelos factos». [...] no caso de Debord, tal como em Kraus, a língua apresenta-se como a imagem e o lugar da justiça. A analogia, porém, aí termina. O discurso de Debord começa justamente onde a sátira se cala. A morada antiga da linguagem (e, com ela, a tradição literária em que a sátira se alicerça) vê-se doravante falsificada e manipulada inteiramente. Kraus reage a esta situação fazendo da língua o lugar do Juízo Final. Debord, pelo contrário, começa a falar quando o Juízo Final já ocorreu e o verdadeiro só como um momento do falso foi reconhecido. O Juízo Final que surde na língua e a Noite de Walpurgis do espectáculo coincidem totalmente. Esta paradoxal coincidência é o lugar de onde a sua voz perpetuamente ressoa fora de campo.

GIORGIO AGAMBEN

ISBN 972-608-076-2





Guy Debord em 1984

Guy Debord

PANEGÍRICO

TOMO PRIMEIRO

TRADUÇÃO DE
JÚLIO HENRIQUES



EDIÇÕES ANTÍGONA
LISBOA • 1995

Título original	Panégyrique
Autor	Guy Debord
Tradução	Júlio Henriques
Copyright	© Éditions Gallimard, 1993
Capa	Antígona
Fotocomposição e paginação	Neograf – Artes Gráficas, Lda. Lisboa
Impressão e acabamento	IAG – Artes Gráficas, Lda. Lisboa
Copyright	© Edições Antígona
Edições	Antígona Apartado 4192 1504 Lisboa Codex
Depósito legal	N.º 91595/95
ISBN	972 - 608 - 076 - 2

«Panegírico exprime mais do que elogio. O elogio contém sem dúvida o encómio da personagem, mas não exclui uma certa crítica, alguma censura. O panegírico não contém censura nem crítica.»

Littré
Dictionnaire de la langue française

«Por que razão inquirirem-me sobre a minha origem? Como as das folhas, assim são as humanas gerações. Para o chão as lança o vento, mas a fecunda floresta a outras dará nascença, e a primaveril estação logo regressa; assim também a raça dos humanos nasce e vai passando.»

Ilíada, Canto VI

Esta obra foi pela primeira vez publicada em 1989
por Éditions Gérard Lebovici, Paris.

I

«Quanto ao seu plano, bem podemos gabar-nos demonstrando que o não tem, que a bem dizer escreve a esmo, baralhando os factos, relatando-os sem tino e sem ordem; confundindo, ao tratar de certa época, aquilo que pertence a outra; desdenhando justificar as acusações que lança, ou os louvores que grava; adoptando sem exame, e sem o espírito crítico tão necessário ao historiador, os vãos juízos da opinião antecipada, da rivalidade ou da aversão, bem como os exageros do humor ou da malquerença; a uns atribuindo acções e a outros discursos incompatíveis com suas posições e seus caracteres; nunca citando testemunho que não seja o seu, nem outra autoridade que não venha dos seus próprios assertos.»

General Gourgaud
Examen critique de l'ouvrage de M. le comte Philippe de Ségur

Toda a minha vida sempre vi tempos inquietos, tumultos extremos na sociedade, e imensas destruições; entrei nessas desordens. E tais circunstâncias certamente bastariam para impedir que o mais transparente dos meus actos ou raciocínios se visse aprovado universalmente, fosse onde fosse. Ademais, assim o creio, alguns terão sido mal compreendidos.

No início da sua história da campanha militar de 1815, Clausewitz faz o seguinte resumo do método que é o seu: «O essencial, em toda a crítica estratégica, reside em colocarmo-nos exactamente no ponto de vista dos que agem; sendo certo que amiúde se trata de bem árdua tarefa.» A dificuldade consiste em conhecer «as circunstâncias todas em que estavam os que agem» num dado momento, de modo a ficar-se assim em condições de avaliar judiciosamente a série das suas opções na condução da guerra: como fizeram aquilo que fizeram, e que outra coisa teriam eles porventura podido fazer. É pois necessário saber, antes de mais, o que intentavam, e, obviamente, tudo quanto presumiam; sem esquecer aquilo que não sabiam. E o que então ignoravam não era apenas o resultado em porvir das suas próprias operações embatendo nas operações que lhes seriam opostas; era também muito daquilo que deveras já fazia sentir o seu peso contra eles, nas disposições ou nas forças do campo adverso, e que todavia continuava a apresentar-se-lhes oculto; e no fundo desconheciam o valor exacto que convinha ser atribuído às suas próprias forças, até à altura em que estas pudessem

demonstrá-lo, no momento do seu emprego, cujo desenlace, de resto, por vezes modifica esse valor tanto como o põe à prova.

O homem que tenha levado a cabo determinada acção, a respeito da qual haja sido possível sentir ao longe as consequências, foi com frequência quase o único a conhecer aspectos bastante importantes dessa acção, que razões diversas haviam incitado a manter dissimulados, enquanto outros aspectos desde então foram caindo no olvido, simplesmente por terem já passado esses tempos ou por já terem morrido os que os viveram. E o próprio testemunho dos vivos nem sempre é acessível. Um, por na verdade não saber escrever; outro por se ver metido em interesses ou ambições mais actuais; um terceiro por ter medo; e um último por não querer expor a certos riscos a reputação pessoal. Conforme veremos, a nenhum destes óbices estou eu preso. Falando pois tão friamente quanto possível do que muita paixão suscitou, vou contar o que fiz. Injustas censuras em grande número, ou até todas, logo seguramente se hão-de ver varridas como pó. E persuado-me de que as grandes linhas da

história do meu tempo disso hão-de deduzir-se mais claramente.

Ver-me-ei obrigado a entrar nalguns pormenores. Coisa que poderá levar-me muito longe; mas não rejeito encarar a amplidão de tal cometimento. Há-de levar o tempo que for preciso. Mesmo assim não direi, como Sterne ao começar a redigir *Vida e Opiniões de Tristram Shandy:* «Lá estugar o passo não vou eu, mas sim sossegadamente escrever e dar a lume a minha vida, à proporção de dois tomos por ano; assim queira o leitor aturar esta andadura, e outrossim possa eu chegar a toleráveis providências com o meu livreiro.» Porque está fora de questão comprometer-me a publicar dois tomos por ano, ou aceitar sequer um qualquer outro ritmo menos precipitado.

O meu método será muito simples. Nomearei o que amei; e o resto, a esta luz, há-de suficientemente mostrar-se e fazer-se entender.

«O tempo enganador com astúcia nos esconde os seus vestígios, mas célere passa», diz o poeta Li Po, que acrescenta: «Porventura guardais a

índole jovial da mocidade / notórias porém se apresentam vossas cãs; para quê vos lastimardes?» Não me inclino a lastimar seja o que for, e ainda menos a maneira como pude viver.

Sabendo como são exemplares esses vestígios, muito menos quereria eu dissimulá-los. Que alguém decida contar o que deveras e com rigor tenha sido a vida que levou, sempre foi raro, abundantes como são os escolhos do assunto. E talvez ainda mais precioso o seja agora, por se tratar duma época em que tanta coisa se alterou, na surpreendente celeridade das catástrofes; época esta a respeito da qual se poderá dizer que quase todas as balizas e padrões de súbito se viram arrastados pelo próprio terreno onde a sociedade antiga estava edificada.

Seja como for, é-me fácil ser sincero. Com nada deparo que em qualquer matéria possa incitar-me ao mais ligeiro estorvo. Nunca acreditei nos valores admitidos pelos meus contemporâneos, e hoje em dia já nem há quem reconheça qualquer um desses valores. Lacenaire, talvez ainda com escrúpulo exces-

sivo, exagerou, segundo me parece, a responsabilidade que directamente tivera na morte violenta de um muito reduzido número de pessoas: «Penso que valho mais do que a maioria dos homens que conheci, mesmo com o sangue que me tinge», escrevia ele a Jacques Arago. («Connosco porém estáveis, Sr. Arago, naquelas barricadas, em 1832. Lembrai-vos do convento de São Merry... Ignorais o que a miséria é, Sr. Arago; fome foi coisa que jamais tivestes», responderiam um pouco mais tarde, não ao primeiro, mas ao irmão, nas barricadas de Junho de 1848, os operários que este viera arengar, qual romano tribuno, a respeito do abuso que consiste em insurgirem-se os homens contra as leis da República.)

Nada há mais natural, para um indivíduo, do que ver tudo a partir da sua própria pessoa, adoptada como centro do mundo; desse modo nos sentimos capazes de condenar o mundo sem sequer ouvir os discursos embusteiros que profere. É apenas preciso demarcar os limites que necessariamente balizam esta autoridade: o seu próprio lugar no fluir do tempo, e também na sociedade; aquilo que fez e conheceu, as

suas paixões dominantes. «Quem poderá pois escrever a verdade, senão aqueles que a tenham sentido?» O autor das mais belas *Memórias* escritas no século XVII, que não escapou à inepta censura de haver falado da sua conduta pessoal sem manter as aparências da mais fria objectividade, fizera essa oportuna observação; que sublinhava citando a tal respeito a opinião do presidente De Thou, segundo a qual «as únicas histórias verídicas são aquelas que foram escritas por homens capazes de sinceridade suficiente para falar com verdade de si mesmos».

Talvez haja quem se espante por eu parecer implicitamente comparar-me, aqui e ali, a propósito de certo pormenor, a esta ou àquela grande figura do passado, ou simplesmente a personalidades que historicamente foram assinaladas. Fá-lo-á sem razão. Não pretendo assemelhar-me seja a quem for, e além disso creio que a época presente muito pouco se pode comparar às do passado. Mas muitos personagens do passado, entre si diferindo extremamente, são ainda bastante comummente conhecidos. Representam, em suma, uma

significação instantaneamente comunicável sobre as condutas ou tendências humanas. Aqueles que acaso ignorem o que eles tenham sido, facilmente poderão verificá-lo; e para quem escreve, é sempre um mérito fazer-se entender.

Ver-me-ei na obrigação de utilizar bastantes citações. Nunca, a meu ver, para conferir autoridade a qualquer demonstração; mas meramente para fazer sentir com que terão sido tecidos, em profundidade, esta aventura que conto e eu mesmo. As citações mostram-se úteis nos períodos de ignorância ou de crenças obscurantistas. As alusões, sem aspas, a outros textos que sabemos muito célebres, conforme vemos na poesia clássica chinesa, em Shakespeare ou em Lautréamont, deverão reservar-se aos tempos mais ricos em cabeças capazes de reconhecer a frase anterior, bem como a distância que a sua nova aplicação introduziu. Hoje em dia expor-nos-íamos, neste tempo em que a própria ironia vai deixando de ser percebida, a ver sem hesitação ser-nos atribuída a fórmula, que aliás e com a mesma pressa poderia ser reproduzida erroneamente. A vetusta falta de graça visível no procedimento das

citações exactas será compensada, segundo espero, pela qualidade da sua selecção. Na ocasião oportuna, neste discurso hão-de surgir; e computador nenhum teria podido fornecer--me essa variedade pertinente.

Aqueles que a respeito de nada querem escrever depressa o que ninguém lerá uma só vez até ao fim, nos jornais ou nos livros, gabam com grande convicção o estilo da linguagem falada, por o acharem muito mais moderno, directo, fácil. Mas eles próprios não sabem falar. Os seus leitores tão-pouco, visto a linguagem efectivamente falada nas modernas condições de vida ter socialmente chegado a um resumo da sua representação, eleita em segundo grau pelo sufrágio mediático; somada, dará umas seis ou oito maneiras de falar, incessantemente repetidas, e menos de duas centenas de vocábulos, nestes incluindo uma maioria de neologismos; vendo-se a terça parte deste conjunto sujeita a renovação de seis em seis meses. Tudo isso favorece um certo rápido liame. Por meu lado, e pelo contrário, vou escrever sem afectação e sem canseira, como a coisa mais natural e mais fácil do mundo, a

língua que aprendi e na maioria das circunstâncias sempre falei. Não sou eu que tenho de a modificar. Os Ciganos consideram com razão que só devemos dizer a verdade na nossa própria língua; na do inimigo deverá reinar sempre a mentira. Outra vantagem: tendo como referência o vasto *corpus* dos textos clássicos publicados em francês ao longo dos cinco séculos anteriores ao meu nascimento, mas sobretudo dos dois últimos, será sempre fácil traduzirem-me convenientemente em qualquer idioma do futuro, mesmo quando o francês já for língua morta.

Quem poderá ignorar, no nosso século, que o homem que veja o seu interesse em afirmar instantaneamente seja o que for, sempre o irá clamar à toa? O enorme incremento dos meios de que dispõe a dominação moderna marcou de tal maneira o estilo dos seus enunciados, que, tendo o entendimento relativo à progressão dos sombrios raciocínios do poder sido durante largo tempo um privilégio das pessoas de facto inteligentes, esse entendimento, agora, tornou-se forçosamente familiar aos mais entorpecidos. É neste sentido que podemos pensar que a

verdade deste relatório sobre o meu tempo contém prova bastante no seu estilo. O tom deste discurso será em si mesmo garantia suficiente, visto para todos ficar claro que só quando se vive assim se pode ser exímio neste género de enunciação.

É sabido, com conhecimento de causa, que a guerra do Peloponeso ocorreu. Mas o seu desenrolar implacável e as lições que legou só graças a Tucídides se conhecem. Nenhuma interpretação será possível; nenhuma porém seria útil, visto a veracidade dos factos, bem como a coerência das ideias, se haverem de tal modo imposto aos contemporâneos e à próxima posteridade, que qualquer outra testemunha se sentiu desanimada ante a dificuldade de transmitir uma diferente versão do ocorrido, ou até de capciosamente contestar um pormenor.

E creio, a propósito da história que passo a expor, que do mesmo modo a isso convirá atermo-nos. Porque ninguém, por lato tempo, terá a audácia de se lançar a demonstrar, seja sobre qual for o aspecto destas coisas, o contrário do que eu tenha dito; quer descobrindo o

mínimo elemento inexacto nos factos narrados, quer sustentando um outro ponto de vista a seu propósito.

Por mais convencional que se julgue o procedimento, penso não ser inútil esboçar aqui, desde já e com clareza, o início de tudo: a data e as condições gerais em que começa a presente narrativa, a qual, depois disso, confiarei a toda a confusão que o tema exige. Razoavelmente se poderá pensar que muitas coisas surgem na juventude; e que por muito tempo nos vão acompanhando. Nasci em 1931, em Paris. A fortuna da minha família estava já muito minada pelas consequências da crise económica mundial, que começou por surgir nos Estados Unidos, pouco antes; e os destroços dessa fortuna não tinham ar de poderem prolongar-se muito para além da minha maioridade, o que efectivamente se concretizou. Nasci, por conseguinte, virtualmente arruinado. A bem dizer não ignorei o facto de não poder ficar à espera duma herança, e assim foi. Mas muito simplesmente não atribuí importância nenhuma às questões de um futuro, bem abstractas. E deste modo me fui encarreirando,

durante toda a adolescência, lenta mas inevitavelmente, para uma vida de aventuras, de olhos abertos; caso possa dizer que então os tinha abertos a tal respeito, e a respeito, também, da maioria das restantes questões. Não podia sequer pensar em estudar uma única que fosse das sábias qualificações conducentes à obtenção dos empregos, visto todas elas serem estranhas aos meus gostos ou contrárias às minhas opiniões. As pessoas que de longe mais estimava no mundo eram Arthur Cravan e Lautréamont, e bem sabia que todos os seus amigos, caso tivesse aceitado seguir estudos universitários, me teriam desprezado tanto como se me tivesse resignado a exercer uma actividade artística; e se eu não tivesse podido contar com esses amigos, certamente não teria aceitado consolar-me com outros. Doutor em nada, firmemente me mantive afastado duma qualquer aparência de participação nos círculos que então tinham a reputação de intelectuais ou artísticos. Confesso que o mérito que nesta matéria alcançava era bastante atenuado pela minha grande preguiça, tal como o era também pelas minhas muito diminutas capacidades para afrontar os trabalhos de semelhantes carreiras.

O facto de sempre ter atribuído bem parca importância às questões de dinheiro, e nenhum ensejo, absolutamente, à ambição de vir um dia a ocupar qualquer função brilhante na sociedade, é uma tão rara particularidade entre os meus contemporâneos que sem dúvida será tido na conta de incrível, até no meu caso. É porém verídico, e pôde tão constante e duravelmente ser verificado que o público bem terá de a isso se acostumar. Imagino que a causa residia na minha indolente educação, nela deparando com terreno favorável. Nunca vi os burgueses a trabalhar, com a baixeza que forçosamente contém o seu género especial de trabalho; sendo quiçá por isso que nessa indiferença pude aprender com proveito alguma coisa a respeito da vida, mas afinal tão-só por ausência e privação. O momento da decadência de qualquer forma de superioridade social seguramente possui algo mais aprazível que os seus vulgares começos. Fiquei para sempre afeiçoado a esta preferência, que muito cedo sentira, e posso dizer que a pobreza me deu principalmente grandes ócios, por não ter de gerir bens aniquilados nem sonhar restaurá-los, participando no governo do Estado. É verdade

que saboreei prazeres pouco conhecidos das pessoas que obedeceram às desgraçadas leis desta época. É verdade também que rigorosamente me ative a vários deveres, de que essas pessoas nem fazem ideia. «Porque da nossa vida», enunciava rudemente em seu tempo a *Regra do Templo*, «não vedes senão a casca que está por fora... mas não conheceis os rijos mandamentos que por dentro estão.» Devo ainda assinalar, citando assim na sua totalidade as favoráveis influências nisso reconhecidas, a evidência de ter tido nessa altura ocasião de ler vários bons livros, a partir dos quais é sempre possível uma pessoa vir por si mesma a encontrar todos os outros, ou até a escrever os que ainda façam falta. O muito completo extracto cessa aqui.

Vi concluir-se, antes dos vinte anos, esta parte pacífica da minha juventude; e a partir daí a obrigação que tive foi a de seguir sem freio todas as minhas propensões, embora em condições difíceis. Senti primeiro simpatias pelo círculo de gente, muito atractivo, onde um extremo niilismo já nada queria saber, nem prosseguir, sobretudo, de quanto fora anterior-

mente admitido como ocupação da vida ou das artes. Este meio facilmente me reconheceu como um dos seus. Ali se extinguiram as minhas últimas possibilidades de voltar um dia ao fluxo normal da existência. Assim o pensei, e o que veio depois, disso foi prova.

Devo com certeza ter menos dotes de cálculo que os outros, visto esta opção tão expedita, que a tanto me empenhava, haver sido espontânea, resultante duma irreflexão que nunca depois desdisse; e que mais tarde, após ter tido o vagar de lhe avaliar as consequências, jamais deplorei. Poder-se-á dizer, pensando em termos de riqueza ou de reputação, que nisso eu nada tinha a perder; mas o caso é que também nada tinha a ganhar.

Este meio, o dos empreendedores de demolições, mais claramente que os seus antecessores das duas ou três precedentes gerações, tinha-se por essa altura associado de muito perto às classes perigosas. Ao viver com elas, uma pessoa leva em grande parte a mesma vida. E disso, obviamente, ficaram vestígios duradouros. Mais de metade das pessoas que

ao longo dos anos fui conhecendo de perto, tinham estado, uma ou várias vezes, nas cadeias de diversos países; muitas, sem dúvida, por motivos políticos, mas ainda assim a maioria por delitos ou crimes de direito comum. Conheci, por conseguinte, sobretudo os rebeldes e os pobres. Vi em meu redor em grande número indivíduos que morriam jovens, e nem sempre por suicídio, de resto frequente. Nesta peculiar matéria da morte violenta, noto aqui, sem poder adiantar uma explicação plenamente racional do fenómeno, que o número dos meus amigos mortos a tiro constitui uma percentagem grandemente inusitada, não se tratando de operações militares, bem entendido.

As nossas únicas manifestações, que se mantiveram raras e breves nos primeiros anos, pretendiam ser completamente inaceitáveis; primeiro sobretudo pela forma que assumiam, e mais tarde, ao irem-se aprofundando, sobretudo pelo conteúdo. Não foram aceites. «A destruição foi a minha Beatriz», escrevia Mallarmé, ele próprio guia de alguns outros em explorações bastante arriscadas. Para quem se dedica unicamente a fazer tais demonstrações

históricas, e portanto fora delas recusa o trabalho existente, a necessidade de saber viver no país bem certa se apresenta. Mais adiante abordarei a questão com pormenor. Expondo apenas para já o assunto na sua grande generalidade, direi que sempre me limitei a dar a impressão vaga de que possuía grandes qualidades intelectuais, e até artísticas, de que preferira privar a minha época, visto esta aos meus olhos não merecer semelhante ocupação. Houve sempre quem nisto lamentasse a minha ausência, e paradoxalmente me ajudasse a mantê-la. Mas isso só pôde ser levado a cabo porque nunca fui procurar ninguém, fosse onde fosse. A minha roda de gente sempre foi a dos que vieram por si mesmos, sabendo fazer-se aceitar. Ignoro se mais alguém se terá atrevido a comportar-se como eu, nesta época. Convirá dizer também que a degradação de todas as condições existentes justamente surgiu na mesma altura, como a querer corroborar a minha loucura singular.

Tenho de admitir igualmente, porque nada pode ficar puramente inalterável no fluxo do tempo, que uns vinte anos depois, ou

pouco mais, uma fracção avançada de um público especializado pareceu começar a já não pôr de parte a ideia de que eu bem podia ter vários talentos a sério, notáveis sobretudo por comparação com a grande pobreza dos achados e das fastidiosas repetições que durante muito tempo se viram na obrigação de admirar; e isso apesar de o único emprego verificável dos meus dotes dever ser encarado como coisa plenamente nefasta. E fui eu então, naturalmente, que recusei aceitar reconhecer a existência destas pessoas, que, por assim dizer, começavam a reconhecer na minha qualquer coisa. É certo que nela não estavam prontas a aceitar tudo, e eu sempre francamente dissera que seria tudo ou nada, assim me colocando, definitivamente, fora do alcance das suas concessões eventuais. Quanto à sociedade, os meus gostos e ideias não mudaram, mantendo-se os mais opostos ao que ela era, bem como a tudo aquilo em que anunciava querer transformar-se.

O leopardo morre com as malhas que tem, e eu nunca tive tenção de me tornar melhor, nem de tal coisa me julguei capaz. Nunca deveras reclamei qualquer espécie de virtude,

excepto talvez a de haver pensado que só alguns crimes, de um género novo, que no passado seguramente ninguém pudera ouvir citar, não seriam porventura indignos de mim; e a de não ter variado, após tão ruim começo. Numa altura crítica dos tumultos da Fronda, Gondi, que tão grandes provas deu das suas capacidades no manejo dos negócios humanos, e nomeadamente no seu papel favorito de perturbador do público repouso, afortunadamente improvisou ante o Parlamento de Paris uma bela citação atribuída a autor antigo, cujo nome em vão todos buscaram, mas que da melhor maneira podia ser aplicada ao seu próprio panegírico: «*In difficillimis Reipublicae temporibus, urbem non deserui; in prosperis nihil de publico delibavi; in desperatis, nihil timui.*» Ele próprio a traduz assim: «Nos funestos tempos, jamais a cidade abandonei; nos bons, nunca obtive lucros; nos desesperados, nada temi.»

II

«Tais foram os notáveis sucessos deste Inverno, e assim se concluiu o segundo ano da guerra cuja história Tucídides escreveu.»

Tucídides
Guerra do Peloponeso

No bairro de perdição aonde aportou a minha juventude, como para acabar de instruir-se, dir-se-ia terem marcado encontro os precursores sinais duma próxima derrocada de todo o edifício da civilização. Em permanência ali se encontravam indivíduos que só pela negativa podiam ser definidos, pela simples razão de não terem qualquer ofício, de não se ocuparem com estudos nenhuns e de não praticarem qualquer arte. Muitos eram oriundos das guerras recentes, vindos de vários exércitos que entre si haviam disputado o continente: o alemão, o francês, o russo, o exército dos Estados Unidos, os dois exércitos espanhóis, e ainda outros.

As restantes pessoas, cinco ou seis anos mais novas, tinham chegado directamente ali porque a ideia de família começara a dissolver-se, como todas as outras. Nenhuma doutrina antes perfilhada moderava a conduta fosse de quem fosse; nem vinha propor às suas existências qualquer objectivo ilusório. Diversas práticas de um instante mostravam-se continuamente prontas a expor, à luz da evidência, a calma defesa da sua razão de ser. O niilismo é categórico para moralizar, mal o aflore a ideia de se justificar: um assaltava os bancos glorificando-se por não roubar os pobres, um outro nunca matara ninguém quando não estava enfurecido. Apesar de toda esta eloquência disponível, eram de um momento para o outro as mais imprevisíveis pessoas, e por vezes bastante perigosas. Foi o facto de ter andado num tal meio que depois me permitiu dizer às vezes, com a mesma altivez do demagogo nos *Cavaleiros* de Aristófanes: «Também eu cresci na via pública!»

No fim de contas fora a poesia moderna, a agir desde há cem anos, que ali nos conduzira. Éramos uns quantos a pensar que o seu

programa precisava de ser executado em plena realidade; e que mais nada devíamos fazer. Há quem se tenha por vezes espantado, mas no fundo só a partir de data muitíssimo recente, ao descobrir a atmosfera de ódio e maldição que constantemente me rodeou e, sempre que possível, me dissimulou. Pensam alguns que é por causa da grave responsabilidade que amiúde me foi atribuída quanto às origens, ou ao comando, até, da revolta de Maio de 1968. Julgo, quanto a mim, que terá sido o que fiz em 1952 aquilo que na minha pessoa desagradou de modo tão perdurável. Certa rainha de França, enfurecida, lembrava um dia ao mais sedicioso dos seus súbditos: «Sentimos revolta só de imaginar que alguém possa revoltar-se.»

Foi justamente o que aconteceu. Um outro desprezador do mundo, outrora, que dizia haver sido rei em Jerusalém, evocara o fundo do problema, quase com estas mesmas palavras: Por todo o lado o espírito volteia e a si mesmo regressa através de longuíssimos circuitos. Todas as revoluções penetram na história, e nem por isso a história está pejada delas; os rios das

revoluções voltam aonde começaram, para de novo fluírem.

Artistas ou poetas capazes de viver no meio da violência, sempre os houvera. O impaciente Marlowe morreu de faca na mão, ao regatear um dia certa conta. Admite-se em geral que Shakespeare tinha em mente o sumiço do seu rival, sem sequer recear que alguém pudesse reprovar-lhe a falta de graça, quando integrou este chiste em *Como Lhe Aprouver*. «Isso deita logo um homem por terra, e põe-no mais inteiriçado que conta desmedida em taverna de má fama.» O fenómeno, que desta vez era absolutamente novo e naturalmente deixou poucos vestígios, reside justamente no facto de o único princípio acolhido por todos declarar que já não podia existir poesia ou arte; e que se impunha encontrar coisa melhor.

Tínhamos várias feições comuns com aqueloutros sequazes da vida perigosa cujo tempo se passara, precisamente quinhentos anos antes de nós, na mesma cidade e na mesma margem. Não posso evidentemente ser comparado a alguém como François Villon,

que tal domínio exerceu sobre a sua arte. Nem tão irremediavelmente como ele me empenhei no grande banditismo; nem, em suma, fizera tão bons estudos universitários. Mas entre os meus amigos havia esse «nobre varão» que se mostrou perfeito equivalente de Régnier de Montigny, bem como muitos outros rebeldes já prometidos à má sina; e os prazeres e o esplendor das jovens vogais perdidas que tão boa companhia nos deram nos nossos botequins, e que também não deviam andar longe das que os outros conheceram com os nomes de Marion l'Idole ou Catherine, Biétrix e Bellet. O que então éramos, di-lo-ei no calão dos cúmplices de Villon, que desde há muito por certo deixou de ser uma linguagem secreta impenetrável, sendo até, pelo contrário, bastante acessível às pessoas informadas. Deste jeito, porém, disporei a inevitável dimensão criminológica numa tranquilizadora distância filológica.*

* Na impossibilidade duma correspondência vocabular em português, o trecho em questão é vertido numa adaptação semântica do original, que foi especialmente redigido no calão dos Coquillards (séc. XV), associação *sui generis* de malfeitores de que terá feito parte o grande poeta François Villon. *(NdT)*

Lá topei e conheci alguns não poucos de quem o carrasco não tirava o olho, fulheiros e bons furtadores; mãos como não havia, e sócios fixes, nunca temendo adiantar golpe de risco; amiúde abarbatados pelas garras dos esbirros, jamais mexendo a língua. Foi aí que aprendi a arte de bem-falante, a ponto de ainda agora, sobre tais iscas, preferir fechar a moquideira. O nosso rebuliço e a boa vai ela já por terra se deitaram. Mas vivazmente me lembro desses companhões sem cheta, que tão prestos percebiam este mundo de trapaças; de quando a gente andava à coca, noite feita, por Paris.

Prezo-me de a este respeito nada haver esquecido, e de nada ter aprendido. Eram aquelas ruas frias e a neve, e no rio a cheia: «A meio do álveo / profundo é o rio.» Eram aquelas meninas da escola, fugindo dela, de olhos ufanos e tão doces lábios; as rusgas frequentes da polícia; o fragor de catarata do tempo. «Nunca mais tão jovens beberemos.»

Pode dizer-se que sempre amei as estrangeiras. Vinham da Hungria e de Espanha, da

China e da Alemanha, da Rússia e de Itália as que cumularam de alegrias a minha juventude. E mais tarde, já com cãs, acabei por perder a pouca razão que o longo caudal do tempo tão dificilmente pudera porventura transmitir-me; por uma de Córdoba. Omar Khayyam, após muito ponderar, reconhecia: «Em verdade, os ídolos que tanto tempo amei / muito me rebaixaram aos olhos dos homens. / A glória afoguei em taça pouco funda / e a fama, por uma cantiga a vendi.» Quem melhor do que eu poderá sentir a justeza dessa observação? Mas quem terá também desprezado como eu a totalidade das apreciações vigentes na minha época, bem como as reputações que ela concedia? No começo da viagem estava já contido o seguimento.

Situavam-se essas coisas entre o Outono de 1952 e a Primavera de 1953, em Paris, a sul do Sena e a norte da rua de Vaugirard, a leste do cruzamento da Cruz Vermelha e no lado ocidental da rua Dauphine. Assim escreveu Arquíloco: «Dá-nos lá de beber. / Verte o vinho tinto sem levantar a borra. / Que em tal posto, sóbrios não podemos nós ficar.»

Entre a rua do Four e a de Buci, onde a nossa juventude de todo se perdeu, bebendo copos, podíamos sentir com toda a certeza que nada melhor algum dia faríamos.

III

«Foi-me dado observar, na maior parte de quantos deixaram Memórias, que só nos mostraram claramente as suas más acções ou inclinações ruins quando porventura as tomaram por proezas ou bons instintos, coisa que às vezes sucedeu.»

Alexis de Tocqueville
Souvenirs

Após as circunstâncias que acabo de lembrar, aquilo que sem dúvida me marcou a vida inteira foi o hábito de beber, cedo contraído. Os vinhos, os álcoois e as cervejas; os momentos em que certas dessas bebidas se impunham e os momentos em que simplesmente surgiam, foram-me delineando o fluxo principal e os meandros dos dias, das semanas e dos anos. Duas ou três paixões, que irei contar, guardaram de modo mais ou menos permanente um grande lugar na minha vida. Mas foi esta a mais constante e a mais presente. No reduzido número das coisas que me agradaram, e que soube

fazer bem, aquilo que por certo fiz melhor foi beber. Embora tenha lido muito, bebi mais. Escrevi muito menos do que a maior parte das pessoas que escrevem; mas bebi muito mais que a maioria das pessoas que bebem. Bem posso incluir-me entre aqueles de quem Baltasar Gracián pôde um dia dizer, ao pensar num escol só distinguido entre alemães — neste ponto muito injusto para com os franceses, como julgo tê-lo mostrado: «Há-os que só uma vez se embebedaram, porém toda a vida lhes durou.»

Eu, que com tanta frequência tive de ler a meu respeito as calúnias mais extravagantes ou muito injustas críticas, sinto aliás certa surpresa por ver que afinal se passaram trinta anos, e até mais, sem que alguma vez um descontente tenha utilizado a minha bebedeira à laia de argumento, pelo menos implícito, contra as minhas ideias escandalosas; com excepção, de resto única e tardia, de um escrito dado a lume por uns jovens drogados, em Inglaterra, no qual revelavam, por volta de 1980, que doravante eu estava embrutecido pelo álcool e que, por conseguinte, deixara de causar dano. Nunca

me passou pela cabeça dissimular esta feição talvez contestável da minha personalidade, feição esta indubitável para todos quantos me tenham visto mais de uma ou duas vezes. Posso até assinalar que em todas as ocasiões bastaram poucos dias para me ver grandemente estimado, fosse em Veneza ou em Cádis, em Hamburgo ou em Lisboa, pelas pessoas que só por frequentar certos cafés fui conhecendo.

Comecei por apreciar, como toda a gente, o efeito da ligeira embriaguez, e depois, rapidamente, apreciei o que fica para além da violenta ebriedade, ao transpor-se esse estádio: uma paz magnífica e terrível, o autêntico sabor da passagem do tempo. Embora talvez aparentando apenas, nas primeiras décadas, ligeiros sinais uma ou duas vezes por semana, é um facto que andei continuamente bêbedo ao longo de períodos de vários meses; sendo certo e seguro que no resto do tempo bebia muito.

Um ar de desordem, na grande variedade das garrafas exauridas, é mesmo assim susceptível, *a posteriori*, de uma classificação. Posso começar por distinguir entre as bebidas

que bebi nos países de origem e as que bebi em Paris; mas na Paris de meados do século havia quase de tudo no que tange a bebidas. Os lugares, por toda a parte, podem subdividir-se simplesmente entre o que bebia em casa; em casa dos amigos; nos cafés, nas adegas, nos bares, nos restaurantes; ou na rua, nomeadamente nas esplanadas.

As horas e as suas condições variáveis exercem quase sempre papel determinante na renovação necessária dos momentos em que se dá uma entrega à bebida, suscitando cada um desses instantes a sua razoável preferência por entre as possibilidades que se vão apresentando. Há aquilo que se bebe de manhã, e durante muito tempo esse foi o momento das cervejas. Em *Bairro de Lata*, certa personagem, na qual se pode detectar um entendido, professa que «de manhã, nada há melhor que a cerveja». Mas amiúde necessitei, ao acordar, de vodka da Rússia. Há aquilo que se bebe às refeições, e durante as tardes que entre elas se estendem. Há o vinho das noites, com os seus álcoois, e depois deles as cervejas ainda são aprazíveis; porque a cerveja então dá sede. Há o que se

bebe ao fim da noite, na altura em que o dia recomeça. É fácil conjecturar que todas essas ocupações bem pouco tempo me deixaram para escrever, e é isso justamente o que convém: a escrita deve manter-se rara, pois antes de depararmos com o excelente, impõe-se termos bebido durante muito tempo.

Vagueei bastante por várias cidades da Europa, nelas apreciando tudo quanto merecia sê-lo. O catálogo, em tal matéria, poderá ser vasto. Havia as cervejas de Inglaterra, onde se misturavam as fortes e as brandas na caneca; havia as enormes canecas de Munique; e as irlandesas; e a mais clássica, a cerveja checa de Pilzen; e o admirável barroquismo da Gueuze, nos arrabaldes de Bruxelas, quando ainda possuía sabor distinto em cada cervejaria artesanal e não suportava ver-se transportada para longe. Havia os álcoois de frutas, da Alsácia; o rum da Jamaica; os ponches, a akuavit de Aalborg, e a grappa de Turim, o conhaque, os cocktails; o incomparável mescal do México. Havia todos os vinhos de França, sendo os melhores os da Borgonha; havia os vinhos de Itália, e sobretudo o Barolo das Langhe, os

Chianti da Toscânia; havia os vinhos de Espanha, os Rioja de Castilla-la-Vieja ou o Jumilla de Múrcia.

Bem poucas doenças teria eu tido, caso o álcool, aos poucos, me não fosse legando algumas: das insónias às vertigens, passando pela gota. «Belo como a tremura das mãos no alcoolismo», diz Lautréamont. Há manhãs comoventes, mas difíceis.

«Mais vale esconder o desatino; na devassidão, porém, e na ebriez, não será fácil», podia Heraclito pensar. E no entanto, escrevia Maquiavel a Francesco Vettori: «Viesse alguém a enxergar as nossas cartas... e nossa feição primeira seria a de gente circunspecta, a tão magnos negócios dedicada que em nossos corações só tenções de honor e de grandeza caberiam. Em seguida, porém, virando a página, nós ambos, esta gente mesmíssima, aos olhos desse alguém semelharia ligeira, inconstante, putanheira, e de todo consagrada à presunção. E posto que alguém tal conduta haja na conta de indigna, por mim a julgo eu laudável, pois natura imitamos, que é inconstante.» Vauve-

nargues formulou uma regra muito esquecida: «Para sentenciar que um autor se contradiz, impõe-se que lhe seja impossível chegar a conciliação consigo mesmo.»

Algumas das minhas razões de beber são aliás dignas de estima. Tal como Li Po, bem posso alardear esta nobre satisfação: «Há trinta anos que escondo a minha fama nas tavernas.»

A maioria dos vinhos, quase todos os álcoois e a totalidade das cervejas cuja lembrança evoquei, perderam hoje em dia inteiramente os seus sabores, primeiro no mercado mundial, e depois localmente; devido aos progressos da indústria, e também ao movimento que conduz ao sumiço ou à reeducação económica das classes sociais durante muito tempo independentes da grande produção industrial; e graças, por conseguinte, à aplicação dos diversos regulamentos estatais, que doravante proíbem quase tudo o que não for fabricado industrialmente. As garrafas, para continuarem a ser vendidas, fielmente conservaram os rótulos, assim expondo nessa exactidão a garantia de

poderem ser fotografadas tais quais eram; mas não a de bebê-las.

Nem eu nem as pessoas que comigo beberam alguma vez nos sentimos incomodados com os nossos excessos. «No banquete da vida», ao menos aí bons convivas, nos sentáramos sem pensar um só instante que tudo quanto tão prodigamente ingeríamos mais tarde não seria renovado para aqueles que depois de nós viriam. Tanto quanto memória de bêbedo consinta, jamais se havia imaginado como coisa possível isto de desaparecerem do mundo, antes do bebedor, as próprias bebidas.

IV

«Certo é que Júlio César seus feitos redigiu; porém a modéstia deste herói nele igualha o valor dos comentários; pois parece haver somente executado aquela obra para tirar à adulação a veleidade de poder impressionar com sua história os séculos futuros.»

Baltasar Gracián
El Hombre Universal

Por conseguinte, conheci bastante o mundo; a sua história e a sua geografia; os seus cenários e os seres que os povoavam; as suas práticas diversas, e nomeadamente «o que é a soberania, quantas espécies tem, como se alcança, como se conserva, como se perde».

Não precisei de viajar para muito longe, mas encarei as coisas com certa profundidade, sempre lhes concedendo a plena dimensão de meses ou de anos que me pareciam ter. A maior parte do tempo morei em Paris, e

adentro, precisamente, dum triângulo definido pela intersecção da rua de Saint-Jacques com a rua Royer-Collard; pela da rua de Saint-Martin com a rua Greneta; pela da rua do Bac com a rua de Commailles. E efectivamente passei os dias e as noites neste espaço restrito, e também na estreita margem-fronteira que imediatamente o prolongava; as mais das vezes na sua face leste, mais raramente na face noroeste.

Nunca ou quase nunca teria saído desta zona, que na perfeição me conveio, caso certas necessidades históricas me não houvessem, por várias vezes, obrigado a fazê-lo. Sempre por pouco tempo durante a juventude, quando tive de arriscar algumas curtas incursões ao estrangeiro, para levar mais longe a perturbação; depois, porém, de bem mais demorado modo, quando a cidade foi devastada e integralmente destruído o género de vida que nela se levava. Acontecendo isso após 1970.

Julgo que esta cidade foi devastada um pouco antes de todas as outras; decerto porque as suas revoluções sempre renovadas muito haviam inquietado e ofendido o mundo; e porque

desgraçadamente todas haviam fracassado. Fomos pois punidos, por fim, com uma destruição tão completa como aquela com que outrora nos haviam ameaçado o Manifesto de Brunswick ou o discurso do girondino Isnard: com vista a enterrar tantas lembranças temíveis, e o nome grande de Paris. (O infame Isnard, ao presidir a Convenção, em Maio de 1793, já tivera a impudência de prematuramente anunciar: «Se, repito, com estas insurreições constantemente a renascer se chegar ao cúmulo de atingir a representação nacional — a vós declaro, em nome da França inteira, que *Paris será destruída; e prontamente, pelas margens do Sena, se há-de indagar se esta urbe existiu.*»)

Quem vê as margens do Sena, há-de ver as nossas penas; ali se cruzam agora tão-somente as precipitadas colunas dum formigueiro de escravos motorizados. O historiador Guichardin, que viveu o fim da liberdade em Florença, notou no seu *Memento*: «Todas as cidades, todos os Estados e todos os reinos são mortais; todas as coisas, por natureza ou acidente, um dia ou outro hão-de chegar ao fim, e têm de

acabar; assim sendo, o cidadão que veja a pátria ruir, nem por isso deverá desolar-se ante o revés da pátria e o infortúnio que a atinge; mas antes chorar a sua própria desgraça; porque à cidade sucedeu o que era forçoso acontecer, ao passo que a verdadeira desgraça foi a sua: a de nascer na altura em que semelhante desastre eclodia.»

Quase poderia julgar-se, apesar de tantíssimos testemunhos anteriores da história e das artes, que fora eu o único a amar Paris; pois a princípio vi-me sozinho reagir a tal questão, nesses repugnantes «anos 70». Mas depois soube que Louis Chevalier, seu velho historiador, havia então publicado, disso se falando pouco, *L'Assassinat de Paris.* De modo que nesta cidade pelo menos houve dois justos, nessa altura. Não quis encarar por mais tempo o declínio de Paris. Mais geralmente, convirá que se atribua bem pouca importância à opinião dos que condenam qualquer coisa, não fazendo tudo quanto se imponha para a aniquilar; ou, pelo menos, para se mostrarem perante ela tão estrangeiros quanto deveras ainda for possível.

Notava Chateaubriand, afinal com bastante rigor: «Dentre os modernos autores franceses do meu tempo, sou também o único cuja vida se assemelha às obras.» Quanto a mim, sem dúvida vivi como disse que deveria viver-se; e isto talvez haja sido ainda mais estranho entre as pessoas do meu tempo, visto todas elas parecerem acreditar que deviam limitar-se a viver segundo as instruções dos que comandam a presente produção económica e a força de comunicação com que esta se armou. Morei na Itália e na Espanha, e principalmente em Florença e Sevilha — em Babilónia, como no Século d'Ouro se dizia —, mas também noutras cidades que ainda viviam, e até no campo. Ganhei assim uns anos aprazíveis. Muito mais tarde, quando a maré dos destroços, poluições e falsificações acabou por cobrir a face do mundo, ao mesmo tempo que profundamente neste ia penetrando, pude voltar às subsistentes ruínas de Paris, visto nada melhor fora dela haver resistido. Num mundo unificado, o exílio é impossível.

Que terei eu feito então, durante esse tempo? Não fiz grande questão de me afastar de certos

encontros arriscados; sendo até provável, no tocante a alguns, que a eles me dirigi com sangue-frio.

Na Itália, nem por toda a gente certamente fui bem visto; mas pude ditosamente conhecer as *«sfacciate donne fiorentine»*, na época em que vivi em Florença, no bairro de Além-Arno. Por lá andava então aquela jovem florentina, a quão graciosa. À noite atravessava o rio para vir a San Frediano. Bem inopinadamente por ela me apaixonei, quem sabe se por causa dum belo sorriso amargo. E em suma lhe disse: «Não guardeis silêncio; pois ante vós como estrangeiro sou, e viandante. Dai-me algum refrigério, antes que parta e de todo cesse.» Foi também porque nessa altura, e mais uma vez, a Itália se perdia; era preciso voltar a adoptar distância suficiente das cadeias onde ficaram aqueles que por demais se haviam demorado nas festas de Florença.

O jovem Musset fez-se notar outrora com aquela sua questão irreflectida: «Pois vistes vós, em Barcelona, / uma andaluza de trigueiro peito?» Assim é!, tenho eu de responder desde 1980. Partilhei as loucuras da Espanha,

e nessa possivelmente a maior. Fora porém noutro país que esta fatal princesa aparecera, com aquela selvagem formosura, e aquela voz. *«Mira como vengo yo»*, assim deveras dizia a canção que ela entoava. Não a ouvimos mais, nesse dia. E durante muito tempo amei esta andaluza. Quanto? «Um tempo proporcional à nossa duração vã e mesquinha», di-lo Pascal.

Cheguei até a morar numa casa inacessível, rodeada de bosques, longe de aldeias, em região extremamente estéril de montanha consumida, nas lonjuras duma Auvergne ao abandono. Lá passei alguns invernos. Durante dias inteiros a neve caía sem parar. E o vento em montículos a juntava. Desta neve estava a estrada protegida por valados, mas no pátio, apesar do muro, ia-se amontoando. Cepos ardiam juntos na lareira.

A casa parecia abrir-se directamente para a Via Láctea. À noite, as estrelas próximas, que num dado momento eram intenso brilho, logo a seguir podiam apagar-se, ante a passagem duma ligeira bruma. São-no também assim, as nossas conversas, as festas, os encontros, as nossas paixões tenazes.

Era uma região de trovoadas. Iam-se chegando sem ruído, anunciadas pela rápida passagem de um vento que corria junto à erva, ou por uma série de repentinas iluminações do horizonte; e logo desencadeavam o trovão e o raio, que se lançavam então num canhoneio largo e duradouro, cercando a casa, fortaleza sitiada. Só uma vez, de noite, vi cair um raio perto de mim, lá fora: nem se pode perceber onde ele embate; a paisagem toda fica iluminada por igual, no espaço dum instante assombroso. Nada na arte me pareceu alguma vez exprimir esta impressão do estrépito sem retorno, com excepção da prosa que Lautréamont empregou na programática enunciação intitulada *Poesias*. Mas mais nada: nem a página em branco de Mallarmé, nem o quadrado branco em fundo branco de Malévitch, e nem sequer os derradeiros quadros de Goya, aqueles em que o negro invade tudo, como Saturno a devorar os filhos.

Ventos violentos, que a todo o instante podiam erguer-se em três frentes, sacudiam as árvores. As da charneca, a norte, mais dispersas, curvavam-se e iam rangendo como navios

ancorados, surpresos em enseada aberta. As árvores que defronte da casa guardavam o outeiro, muito agrupadas, umas às outras se apoiavam naquela resistência, aguentando a primeira fila a investida logo renovada do vento de oeste. Mais longe dali, o alinhamento dos bosques dispostos em quadrados, em todo o semicírculo de colinas, evocava as tropas perfiladas num campo de batalha, tal como surgem em certos quadros de pelejas do século XVIII. E estas cargas, quase sempre vãs, às vezes abriam brecha, fazendo soçobrar uma fileira. Nuvens acumuladas cruzavam o amplo céu em correria. Uma mudança súbita do vento com a mesma celeridade as punha em fuga; e outras nuvens se lançavam empós delas.

Estavam também presentes, nas manhãs calmas, todos os pássaros que contêm a madrugada, a perfeita fresquidão do ar, e um luzente matiz de brando verde que vinha sobre as árvores, à encrespada luz do Sol nascente, ali diante delas.

Insensivelmente passavam as semanas. O matutino ar, um belo dia, anunciava o Outono. De outra vez, na grande e desfraldada doçura

daquele ar que a boca sente, surgia, qual rápida promessa nunca esquecida, «o sopro da Primavera».

A propósito de alguém como eu, que tão essencialmente sempre foi homem de ruas e cidades — aprecie-se nisto de que maneira as preferências me não vêm desfigurar as apreciações —, convirá assinalar não me terem passado despercebidos o encanto e a harmonia dessas poucas estações de grandioso isolamento. Era uma agradável e impressionante solidão. E na verdade não estava ali sozinho; mas sim com a Alice.

A meados do Inverno de 1988, de noite, na praceta das Missões Estrangeiras, uma certa coruja repetia obstinadamente os seus apelos, enganada talvez pela desordem do clima. E a insólita série destes encontros com a ave de Minerva, com seu ar de surpresa e indignação, de maneira nenhuma me pareceram constituir uma alusão à conduta imprudente ou aos variegados desvarios da minha vida. Nunca entendi como poderia ser outra, nem como deveria alguma vez ser justificada.

V

«Visto eu ser um letrado, um homem realmente culto, e a este título um *gentleman*, imagino que bem posso considerar-me membro indigno desta mal definida classe que compõem os "gentlemen". É essa a opinião dos meus vizinhos, em parte, talvez, pelas razões adiantadas, e em parte porque me não vêem exercer profissão nenhuma nem comércio.»

Thomas de Quincey
Confissões de um Opiómano Inglês

Um conjunto de circunstâncias acabou por pôr em quase tudo o que fiz uma certa aparência de conspiração. Já nesta época muitas novas profissões eram criadas, a poder de grandes cabedais, com o único fim de mostrarem a quanta beleza recentemente se guindara a sociedade, alardeando, em simultâneo, como ela raciocinava com justeza em todos os seus discursos e projectos. Ora eu, sem salário, dava o exemplo de procedimentos muitíssimo con-

trários; coisa que por força se viu pouco apreciada. Levou-me também isso a conhecer, em países vários, pessoas muito justamente consideradas perdidas. E as polícias vigiam-nas. Este especial pensamento que podemos encarar como a forma de conhecimento da polícia, exprimia-se assim em 1984, a meu respeito, no *Journal du Dimanche* de 18 de Março: «Para muitos polícias, quer sejam da "crime", da D.S.T. ou dos Renseignements Généraux, a pista mais séria leva ao círculo de Guy Debord... O mínimo que se pode dizer é que, fiel à lenda que o rodeia, Guy Debord se mostrou muito pouco falador.» Mas já antes disso, no *Nouvel Observateur* de 22 de Maio de 1972: «O autor d'*A Sociedade do Espectáculo* sempre foi tido como o cérebro, discreto mas incontestável... no centro da constelação variável dos brilhantes conjurados subversivos da I.S., uma espécie de frio jogador de xadrez, conduzindo com rigor... a partida em que previu todos os lances. Congregando à sua volta, com velada autoridade, os talentos e as boas vontades. E desagregando-os depois, com o mesmo virtuosismo negligente, manobrando os acólitos como peões ingénuos,

a cada jogada desbravando o terreno, vendo-se por fim senhor absoluto, e sempre a dominar o jogo.»

A minha maneira de ser faz-me sentir um espanto imediato ante tais coisas, mas deverá reconhecer-se que muitas experiências da vida afinal se limitam a verificar e ilustrar as ideias mais convencionais, com as quais já topáramos em muitos livros, sem nelas, apesar disso, acreditarmos. Evocando aquilo que uma pessoa pôde saber por si, não será portanto absolutamente necessário investigar a observação nunca feita ou o paradoxo inesperado. É neste sentido que devo à verdade assinalar, depois de outros, que a polícia inglesa me pareceu a mais desconfiada e a mais polida, a francesa a mais perigosamente adestrada na interpretação histórica, a italiana a mais cínica, a belga a mais rústica, a alemã a mais arrogante; sendo a polícia espanhola a que ainda se mostrava menos racional e mais incapaz.

Constitui em geral sinistra provação, para um autor que escreva em certo grau qualitativo e por isso perceba o sentido da alusão, ter de

reler e consentir assinar as suas próprias respostas num processo-verbal da polícia judiciária. Antes de mais, o conjunto do discurso é determinado pelas perguntas dos investigadores, que quase sempre nele nem sequer são mencionadas; nem inocentemente decorrem, como às vezes pretendem fazer crer, das meras necessidades lógicas duma informação exacta, ou duma clara compreensão. As respostas que em tais condições tenha sido possível formular, de facto em nada são melhores que o seu resumo, ditado pelo mais graduado dos polícias presentes, redigidas com bastante inépcia aparente e repletas de elementos vagos. Naturalmente, embora muitos inocentes o ignorem, se for imperativo fazer rectificar com precisão todo e qualquer pormenor em que se veja traduzida, com deplorável infidelidade, a ideia que tenhamos exprimido, depressa será preciso renunciar a mandar transcrevê-la do modo conveniente e satisfatório que antes espontaneamente empregáramos, pois em tal caso ver-nos-íamos arrastados a duplicar o número destas horas já de si extenuantes; coisa que ao mais purista acabaria por tirar a vontade de a tal ponto o ser. Declaro aqui, por conseguinte,

que as minhas respostas às polícias não deverão mais tarde ser-me editadas nas obras completas, com base em escrúpulos formais, e isso apesar de eu ter assinado sem tortura o verídico conteúdo ali exarado.

Possuindo eu sem dúvida, graças a uma das raras características positivas da minha primeira educação, o sentido da discrição, vi-me por vezes na necessidade de dar provas de discrição maior ainda. Muitos hábitos úteis se foram assim tornando para mim uma segunda natureza, direi eu para em nada ceder aos malquerentes, talvez capazes de pretender que tudo isso em nada poderá distinguir-se da minha própria natureza. Fosse em que matéria fosse, quanto maiores eram as probabilidades de ser ouvido, mais eu me aplicava a ser desinteressante. Também nalguns casos marquei encontros ou dei opinião em cartas pessoalmente endereçadas a amigos, modestamente as assinando com nomes pouco conhecidos que figuravam nos círculos de alguns poetas famosos: Colin Decayeux ou Guido Cavalcanti, por exemplo. Mas nunca me baixei, e isto é uma evidência, a publicar fosse o que fosse com

pseudónimo, apesar do que por vezes puderam insinuar na imprensa alguns caluniadores estipendiados, com um atrevimento extraordinário mas limitando-se também, prudentemente, à mais abstracta generalidade.

Perguntar-se-á, embora isso não seja desejável, que poderia ir assim positivamente carreando o tão firmado propósito de vir desmentir todas as autoridades? «Nunca buscamos as coisas, mas sim a busca das coisas»; a este propósito a certeza está desde há muito estabelecida. «Gostamos mais da caça que da presa...»

A nossa época de técnicos emprega abundantemente um adjectivo substantivado, o de «profissional»; e parece acreditar que com isso oferece uma espécie de garantia. Se não se encararem, como é óbvio, os meus emolumentos, mas tão-só as minhas competências, ninguém poderá duvidar que fui um muito bom profissional. Mas de quê? Esse terá sido o meu mistério, aos olhos dum mundo execrável.

Concluíam os Srs. Blin, Chavanne e Drago, que em parceria publicaram, em 1969, um *Traité du Droit de la Presse*, no capítulo respeitante ao «Perigo das Apologias», com autoridade e experiência tais que felizmente me levam a pensar dever-se-lhes atribuir lata confiança: «Fazer a apologia de um acto delituoso, apresentá-lo como glorioso, meritório ou lícito, pode ter considerável poder de persuasão. Os indivíduos de vontade débil, lendo tais apologias, sentir-se-ão não só previamente absolvidos, caso venham a cometer actos similares, como verão também no seu cometimento a ocasião de se tornarem personagens. O conhecimento da psicologia criminal expõe assim o perigo das apologias.»

VI

«E quando penso que estas pessoas caminham lado a lado, numa jornada quão longa e penosa, com vista a juntas atingirem um mesmo lugar aonde irão correr perigos sem conta, por via de alcançarem uma meta grande e nobre, as presentes reflexões conferem a este panorama um sentido que profundamente me comove.»

Carl von Clausewitz
Carta de 18 de Setembro de 1806

Interessei-me muito pela guerra, pelos teóricos da estratégia, mas também pelas memórias de batalhas ou de tantos outros tumultos que a história menciona, remoinhos na superfície do rio por onde o tempo se escoa. Não ignoro ser a guerra a matéria mesma do perigo e da decepção; mais até porventura que as restantes feições da vida. Este argumento, porém, nem por isso diminuiu a atracção que senti precisamente por ela.

Estudei, por conseguinte, a lógica da guerra. Consegui, de resto, já há bastante tempo, expor o essencial dos seus movimentos num campo de batalha muito simples: as forças que se confrontam, bem como as necessidades contraditórias que às operações de cada um dos partidos se vão impondo. Joguei a esse jogo e empreguei até, na condução amiúde difícil da minha vida, alguns ensinamentos dele extraídos — para esta vida, tinha também fixado uma regra do jogo; e respeitei-a. As surpresas deste *Kriegspiel* parecem inesgotáveis; sendo quiçá a única das minhas obras, bem o receio, a que serão capazes de reconhecer algum valor. Quanto à questão de saber se fiz boa serventia de tais ensinamentos, a conclusão deixo-a a outros.

Temos de convir que nós, os que pudemos compor portentos com a escrita, com frequência demos mais débeis provas de domínio no comando da guerra. Os infortúnios e os ressaibos, neste terreno, são provações sem conta. O capitão Vauvenargues, na retirada de Praga, com as tropas levadas pela pressa, caminhava na única direcção ainda aberta.

«A fome e a desordem avançam na sua peugada fugitiva; a noite envolve-lhes os passos, e segue-os a morte em silêncio... Fogueiras acesas sobre o gelo alumiam-lhes os instantes derradeiros; temível cama lhes prepara a terra.» E Gondi sentiu a aflição de ver tão de repente mudar de ideias, na ponte de Anthony, o regimento que acabara de sublevar; a dor de ouvir comentar tal debandada como a «Primeira aos Coríntios». E Carlos de Orleães estava na vanguarda, naquele desgraçado ataque de Azincourt, crivada de frechas ao longo do percurso e por fim destroçada, ali onde se viu «toda a nobre cavalaria, garbo de França, que, comparada aos ingleses, era de dez contra um, falecer desbaratada»; teve de quedar-se vinte e cinco anos cativo em Inglaterra, e ao regressar bem pouco apreciou os modos duma outra geração («De mim está enfadado o mundo, — e eu dele outro tanto»). E Tucídides, com a esquadra debaixo do seu comando, tristemente chegou com atraso de algumas horas para impedir a queda de Anfípolis; só pôde evitar as grandes consequências do desastre lançando para Egione a infantaria embarcada, cuja fortaleza assim salvou. O próprio tenente von Clausewitz, com

aquele admirável exército a caminho de Iena, estava longe de conjecturar o que lá se daria.

Mas ainda assim o capitão Saint-Simon, na batalha de Neerwinden, no Royal-Roussillon, com donaire participou nas cinco cargas da cavalaria, antes exposta, imóvel, ao fogo dos canhões inimigos, cujas pesadas balas varriam homens às filas; enquanto se iam realinhando os renques da «insolente nação». E Stendhal, alferes no 6º Regimento de Dragões, em Itália, chegou a arrebatar uma bateria austríaca. Cervantes, na altura em que se disputava a batalha de Lepante, mostrou-se inquebrantável sustentando, à testa de doze homens, o derradeiro reduto da sua galera, vindo os turcos à abordagem. Diz-se que Arquíloco de profissão era soldado. E Dante, ao arremeterem os cavaleiros de Florença sobre Campaldino, ali matou gente, e com isso folgava ainda ao evocá-lo no canto quinto do *Purgatório:* «E pois lhe disse: que força ou que destino / tão longe te extraviou de Campaldino / que nunca teu sepulcro foi sabido?»

A história é comovente. Se acaso os melhores autores que nas suas lutas entraram, nessa

matéria às vezes desempenharam menos excelente papel que nos escritos, ela, em contrapartida, para nos transmitir as paixões que são as suas, sempre deparou com quem tinha o sentido da fórmula bem azada. «A Vendeia acabou», escrevia o general Westermann à Convenção, em Novembro de 1793, após a vitória de Savenay. «Morreu debaixo do nosso sabre, com as mulheres e os filhos. Acabo de a enterrar nos pauis e matagais de Savenay. Esmaguei a criançada com os cascos dos cavalos, chacinei as mulheres, e essas ao menos já não hão-de parir mais salteadores. Não tenho um só prisioneiro a censurar-me. Tudo assim exterminei... Não fazemos prisioneiros, pois preciso seria dar-lhes o pão da liberdade, e não é revolucionária a piedade.» Uns meses depois, Westermann será executado com os dantonistas, todos eles aviltados com o nome de «Indulgentes». Poucos dias antes da insurreição de 10 de Agosto de 1792, um oficial da guarda suíça, dessa tropa que restava dentre os defensores da pessoa do monarca, também sinceramente havia exprimido, numa carta, o sentimento dos seus camaradas: «Todos assim o declarámos, caso funesto acidente venha a atingir el-rei, não

havendo ao menos seiscentos uniformes encarnados estendidos por terra, esse será o nosso opróbrio.» Foram um pouco mais de seiscentos os que acabaram por cair, quando o mesmo Westermann, que de início tentara neutralizar os soldados avançando sozinho no meio deles, nas escadarias do rei, falando-lhes em alemão, por fim compreendeu que a única coisa a fazer era atacar em força.

Na Vendeia que continuava a combater, um *Canto em Prol da União dos Chouans em Caso de Derrota* clamava com a mesma obstinação: «Um só tempo vivemos / à honra o consagremos / em frente levando seu estandarte...» Na revolução mexicana, cantavam os partidários de Francisco Villa: «Desta famosa Divisão do Norte / somos agora um pequeno punhado / sempre cruzando estas serras à sorte / p'ra lutar co'inimigo em todo o lado.» E os voluntários norte-americanos do batalhão Lincoln, em 1937, assim cantaram: «Há em Espanha um vale chamado Jarama / E é zona de nós por demais conhecida / A nossa mocidade perdeu lá toda a chama / e até a velhice se viu lá consumida.» Uma canção dos alemães da Legião Estrangeira

exprime uma melancolia mais solta: «Ana Maria, mundo fora aonde vais? / Vou à cidade onde a tropa se quede.» Montaigne tinha as suas citações; eu tenho as minhas. Há um passado que distingue os soldados, mas nenhum futuro. É assim que as suas canções podem comover-nos.

Pierre Mac Orlan, em *Villes*, evocou o ataque de Bouchavesne, entregue aos moços tunantes que serviam no exército francês, esses que a lei despejava nos batalhões africanos da infantaria ligeira: «Na estrada de Bapaume, não longe de Bouchavesne e de Rancourt, onde o rancho dos Galhofeiros, ao subir àquele morro da mata dos Berlingots, em poucas horas resgatou os pecados todos, divisava-se já a pelagem desfeita da Picardia.» Nos pendores contrários da frase, dum tão hábil descuido, por cima dos quais se pode enxergar o dito outeiro, distinguia-se a memória e os seus sentidos sobrepostos.

Heródoto relata que no desfiladeiro das Termópilas, onde as tropas que Leónidas conduzia se viram dizimadas no desfecho da sua útil acção para atrasar o inimigo, ao lado

das inscrições que evocam o combate sem esperança de «quatro mil homens vindos do Peloponeso», ou o dos Trezentos, que no dizer de Esparta «dóceis às suas ordens» ali jazem, o adivinho Megístio ficou glorificado com singular epitáfio: «Adivinho, ciente conhecia que a morte ali esperava / e não quis desamparar o caudilho de Esparta.» Não é preciso uma pessoa ter o dom da adivinhação para saber que qualquer posição, por melhor que se apresente, pode vir a ser torneada com forças muito superiores; e ser até submersa num ataque frontal. Em certos casos, contudo, convém mostrarmo-nos indiferentes a este tipo de conhecimentos. O mundo da guerra tem pelo menos a vantagem de não tolerar as néscias tagarelices do optimismo. É sobejamente sabido que no fim vão todos morrer. Por mais excelente que no resto seja a defesa, e conforme mais ou menos diz Pascal, «o último acto é sangrento».

Que descoberta poderia esperar-se em tal domínio? O telegrama remetido pelo rei da Prússia à rainha Augusta, na noite da batalha de Saint-Privat, resume a maioria das guerras: «As tropas deram provas de prodígios de valor

contra um inimigo de igual bravura.» É conhecido o curto texto da ordem, expeditamente proferida por um oficial, que enviou para a morte a Brigada Ligeira, a 25 de Outubro de 1854, em Balaklava: «Lorde Raglan deseja que a cavalaria avance sem tardar para a frente de combate e impeça o inimigo de evacuar os canhões...» A redacção da dita ordem é sem dúvida um pouco imprecisa, mas seja como for nada tem de mais obscuro ou erróneo que a chusma de planos e ordens que foram capazes de guiar empreendimentos históricos para os seus incertos fins, ou para um desenlace infalivelmente funesto. É caricato ver os ares de superioridade que afivelam os pensadores do jornalismo e da Universidade, quando se lhes depara o ensejo de opinar acerca do que foram certos planos de operações militares. Sendo o resultado obviamente já conhecido, estes pensadores precisam pelo menos dum triunfo no terreno para se dignarem abster-se de ásperas zombarias; e para não passarem, portanto, de observações a propósito do excessivo preço em sangue e das relativas limitações do êxito alcançado, comparado a outros que a seu ver teriam sido possíveis naquele mesmíssimo dia,

caso se houvessem adoptado medidas mais inteligentes. São os mesmos que invariavelmente e com grande respeito ouviram as piores cabeças ocas da tecnologia e as quimeras todas da economia, sem sequer pensarem ir ver os resultados.

Masséna estava com cinquenta e sete anos feitos quando declarou que o mando consome, ao falar perante o estado-maior, na altura em que fora encarregado de dirigir a conquista de Portugal: «Em nosso ofício não se vive duas vezes, e assim é na Terra inteira, seja onde for.» O tempo não espera. Não se defende Génova duas vezes; ninguém sublevou duas vezes Paris. Xerxes, quando o seu numeroso exército ia a passar no Helesponto, formulou talvez, numa única frase, o primeiro axioma que se encontra no âmago de qualquer raciocínio estratégico, ao dizer, para explicar as lágrimas que tinha no rosto: «Estive a cismar no tão curto tempo da vida dos homens, pois desta multidão que a nossa vista alcança, nem um só viverá daqui por cem anos.»

VII

«Porém vindo estas Memórias algum dia a lume, não duvido que possam excitar rebelião prodigiosa... e como no tempo em que escrevi, sobretudo para o fim, tudo se ia encarreirando para a decadência, para a confusão e o caos, que desde então não fez senão crescer, e não querendo estas Memórias outra coisa que não seja ordem, regra, verdade, princípios certos, e nuamente mostrando elas tudo quanto a isto é contrário e reina, cada vez mais, com a mais ignorante e a mais inteira arrogância, a convulsão há-de por força ser geral contra este espelho das verdades.»

Saint-Simon
Mémoires

Uma descrição da *Vida Rural em Inglaterra*, que Howitt publicou em 1840, pôde ver-se rematada dando mostras duma satisfação sem dúvida abusivamente generalizada: «Todo e qualquer homem que saiba o que são os prazeres da existência deverá agradecer aos Céus terem-lhe permitido viver neste país e

neste tempo.» A nossa época, pelo contrário, não se expõe a exprimir muito enfaticamente, no tocante à vida que nela se leva, o nojo geral e o começo de pavor que em tantas áreas são sentidos. Que são sentidos, mas que nunca se exprimem antes das rebeliões sangrentas. As razões são muito simples. Os prazeres da existência foram há pouco redefinidos autoritariamente; primeiro, as respectivas prioridades, e, depois, a sua substância por inteiro. E estas autoridades, que os redefiniam, viam-se também em condições de decidir, a cada momento, sem terem de inquietar-se com quaisquer outras considerações, qual alteração mais lucrativa a introduzir nas técnicas do fabrico desses prazeres, inteiramente liberta da necessidade de agradar. Pela primeira vez, os mesmos são donos de tudo quanto se faz e de quanto se diz. Deste modo a demência «edificou sua morada no cimo da cidade».

Aos homens que não usufruíam duma tão indiscutível e universal competência, apenas se propôs, sem acrescentar o mais leve reparo, que se submetessem no tocante ao conceito que tivessem dos prazeres da existência; visto

em todas as outras instâncias esses homens haverem já elegido representantes da sua submissão. E ao deixarem que lhes suprimissem tais trivialidades, que lhes eram apontadas como indignas de atenção, deram mostras da mesma bonomia que já antes tinham alardeado, ao verem, de mais longe, sumirem-se as poucas grandezas da vida. Quando «ser absolutamente moderno» se tornou uma lei especial proclamada pelo tirano, aquilo que o honesto escravo acima de tudo receia é que o possam suspeitar de passadista.

Mais sábios do que eu haviam muitíssimo bem explicado a origem do que veio a suceder: «O valor de troca só pôde constituir-se como agente do valor de uso, mas a vitória que alcançou com as suas próprias armas criou as condições do seu império autónomo. Mobilizando todo o uso humano e apoderando-se do monopólio da satisfação desse uso, o valor de troca acabou por *dirigir o uso.* O processo do câmbio identificou-se assim a todo e qualquer uso possível, pondo este à sua mercê. O valor de troca é o condottiere do valor de uso, acabando por conduzir a guerra por conta própria.»

«Grande abusão é o mundo», resumia Villon num octossílabo. (É um octossílabo, embora um diplomado actual não saiba provavelmente reconhecer mais de seis sílabas neste verso.) A decadência geral é um meio ao serviço do império da servidão; e só nessa qualidade, sendo ela esse meio, permite que lhe chamem progresso.

É necessário saber que a servidão quer doravante ser verdadeiramente amada em si mesma; e já não porque ofereça qualquer extrínseca vantagem. Dantes bem podia passar por protecção; mas agora não protege de coisíssima nenhuma. A servidão, agora, não procura justificar-se com a pretensão de haver conservado, seja onde for, nenhum prazer que não seja o único prazer de a conhecerem na carne.

Mais adiante direi como se desenrolaram certas fases duma outra guerra pouco conhecida: entre a tendência geral da dominação social nesta época e aquilo que, apesar de tudo e conforme é sabido, pôde vir perturbá-la.

Embora eu seja um exemplo notável do que esta época não queria, saber o que ela quis não me parece talvez suficiente para assentar a minha excelência. Swift, com muita verdade, diz no primeiro capítulo da sua *História dos Quatro Últimos Anos da Rainha Ana:* «E por forma nenhuma quererei com o panegírico ou a sátira misturar a História, pois minha tenção consiste tão-somente em dar informe aos vindouros, e em instruir os coevos que vivam na ignorância ou laborando em erro. Pois os factos com escrúpulo narrados firmam os maiores louvores e as mais duráveis exprobrações.» Ninguém melhor que Shakespeare soube como se passa a vida. Na sua estimação, «somos tecidos com a estofa de que os sonhos são feitos». A conclusão de Calderón é a mesma. Sinto-me pelo menos seguro de ter podido, com o que precede, transmitir elementos que muito justamente hão-de bastar para dar a perceber tudo o que sou, sem sobejar qualquer espécie de mistério ou ilusão.

O autor suspende aqui a sua história verdadeira; perdoem-lhe os erros.

O MEU ÚLTIMO ENCONTRO COM GUY DEBORD

Ricardo Paseyro *

Há dois meses, o Outono inundava com chuvas a Auvergne. Entre Bellevue-la-Montagne e Champot, a casa rústica por fim lá aparece: os muros altos que tem a rodeá-la estão orgulhosamente marcados pelos séculos. Talhado na pedra, um antigo escudo — maçónico sinal de reconhecimento. O telhado mal se enxerga, imagina-se o pátio, e por trás das construções vislumbra-se um pinhal. Calma, silêncio, solidão: os importunos não se aventuram até à morada onde Debord e Alice Becker-Ho, sua mulher, de braços abertos recebem os amigos.

Sem pressentir que serei o último a estanciar naquela casa, levo comigo Georges Monti, director das edições Le Temps qu'il fait; Debord queria confiar-lhe um curioso par de textos inéditos. Guy pousa o copo, mas não se levanta; e apesar disso a refinada cortesia que é a sua torna ainda mais visível a índole da relação muito afectuosa que nos liga. De camisola envergada, pouco se mexe. Folheamos alguns livros, falamos da recente e longa viagem que o levou a Veneza. E assim começam vários dias de ágapes, leituras, indagações, gargalhadas, corrosivas descrições dos títeres que a sociedade mediática engendra, idiotiza e devora.

A inteligência, o gosto e o espírito de Guy mantêm-se intactos. Demasiado lúcido para acreditar num futuro radioso, nenhuma amargura lhe enreda as lembranças; de nada se censura, não dissocia a obra literária da acção que foi a sua. Admiramos juntos a

* Autor de *Elogio do Analfabetismo,* Publicações Europa-América, 1990.

manha das instituições actuais, que recuperam, sem os assimilar, os grandes artistas temíveis — os desprezados, marginais, franco-atiradores, precursores.

Debord antecipa: o seu próprio suicídio irá alimentar a máquina aplainadora. Os mesmos que todos os dias incensam os poetaços conformistas, os pinta-monos na moda, os «filósofos saca-migas» — todos eles bulímicos de televisão, jornais, prémios, medalhas, colóquios, louvores e cheques —, glorificam-no agora em discursos mortuários.

Fá-lo-ão para o neutralizarem? Já lhes tinha replicado, ao refutar certos juízos expensos a propósito dos seus filmes: «Disseram os especialistas do cinema que nisto residia uma funesta política revolucionária; e os políticos de todas as esquerdas ilusionistas que se tratava de um funesto cinema. Mas quando simultaneamente se é revolucionário e cineasta, facilmente se pode demonstrar que o genérico azedume dessas pessoas decorre duma evidência: que o filme em questão constitui a crítica exacta da sociedade que não sabem combater, e um primeiro exemplo de cinema que não sabem conceber.» (*Oeuvres cinématographiques complètes,* p. 185.)

Cuidadosamente preparado, o seu suicídio não encerra nenhum segredo: Debord recusou à doença o direito de lhe arrebatar a independência. Não era um homem «misterioso»: era um ser raro, impossível de domar, coagir ou manipular. A ninguém alienava a sua liberdade — nem à vida, que amava, nem à morte, que dominou.

Com uma viva paixão pelos poetas verdadeiros, tradutor de Jorge Manrique, atraído pelos fora-da-lei, Debord endereçou-me em Novembro uma carta premonitória, que eu deveria ter compreendido: «Encontrei por fim a referência no honesto livro de Byron. Passo a citar-lhe a passagem: 'Cervantes e Quevedo conheciam ambos Alonso Álvarez de Soria, o François Villon da *hampa* (mundo dos ladrões) de Sevilha. [...] O último

poema de Álvarez foi escrito pouco antes da sua morte, provocada pela mesma doença da corda que levara Pedro Vásquez:

Três horas me dão de vida
Estes que à morte me escoltam
E visto ser longa a senda
Insistem no sair cedo...
Ah! Quão curto soa este tempo que me resta:
Quem tanto deve, bem pouco pode pagar.'»

Pergunta-me Debord: «Este glorioso Álvarez de Soria terá sido editado alguma vez?» Debruçado sobre o Sena — onde Alice Becker-Ho espalhou as cinzas de Guy Debord, lançando-as da orla do Vert-Galant —, assim lhe respondo: Não. Tal como nos nossos dias, também nesse tempo os editores destemidos eram poucos.



EDIÇÕES ANTÍGONA

ÚLTIMOS TÍTULOS

O Tempo da Sida
Michel Bounan

Agência de Assassínios, Lda.
Jack London

Vidas Caídas
Diário de um Repórter na Amazónia
José Amaro Dionísio

Deus Tem Caspa
Júlio Henriques

A Beleza das Armas
Robert Bringhurst

A Lenda Negra da Índia Portuguesa
George Davison Winius

O Povo do Abismo
Jack London

Cantigas da Inocência e da Experiência
William Blake

Também uma Filosofia da História
para a Formação da Humanidade
J. G. Herder

As Heresias
Raoul Vaneigem

Carmina
Paulo da Costa Domingos

Tratado do Estilo
Aragon

O Banqueiro Anarquista
Fernando Pessoa
(reed.)

Crimes Exemplares
Max Aub
(reed.)

Ministros da Noite
Ana Barradas
(reed.)

"É PRECISO LIBERTARMO-NOS
DOS NOSSOS LIBERTADORES"

LA BOETIE

DISCURSO SOBRE A SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

TRADUZIDO DO FRANCÊS
POR MANUEL J. GOMES



Tradução de Manuel João Gomes



NE TRAVAILLEZ JAMAIS — in *Internationale Situationniste,* n.º 8

ANTÍGONA